

# ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

150 anos



ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES  
1863-2013

Patrocinador oficial  
FUNDAÇÃO MILLENIUM BCP

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins, César Neves  
Design gráfico: Flatland Design

Produção: DPI Cromotipo – Oficina de Artes Gráficas, Lda.  
Tiragem: 400 exemplares  
Depósito Legal: 366919/13  
ISBN: 978-972-9451-52-2

Associação dos Arqueólogos Portugueses  
Lisboa, 2013

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Os desenhos da primeira e última páginas são, respectivamente, da autoria de Sara Cura e Carlos Boavida.

Patrocinador oficial



Apoio institucional



# O HIPOGEU DA BARRADA: UM MONUMENTO FUNERÁRIO DO NEOLÍTICO FINAL / CALCOLÍTICO INICIAL EM ALJEZUR

Elisabete Barradas / elisbarradas@gmail.com

Silvina Silvério

Maria João Dias da Silva

Cláudia Santos

## RESUMO:

O presente texto tem como objectivo a apresentação dos resultados da primeira campanha de escavação, realizada em 2011, no hipogeu da Barrada (Aljezur), de cronologia atribuível ao Neolítico final / Calcolítico inicial. O monumento funerário é uma gruta artificial escavada no calcário, constituída por dois espaços distintos: uma antecâmara e uma câmara funerária ligadas por uma passagem, sendo o acesso ao exterior realizado por uma rampa. No interior da câmara funerária, selados pelo abatimento da cúpula, surgiram restos osteológicos humanos, reconhecendo-se algumas conexões anatómicas, correspondendo a indivíduos de várias idades. Os rituais funerários contemplaram o uso de ocre e a deposição de instrumentos de pedra polida e pedra lascada em sílex.

## ABSTRACTS

This paper presents the results of the first season of excavation (2011), of the Late Neolithic / Early Chalcolithic hypogeum of Barrada (Aljezur). The funerary monument is an artificial cave dug into the limestone, with two distinct spaces: the antechamber and the burial chamber connected by a passage; the access to the exterior is done by a ramp. Inside the burial chamber, sealed by the subsidence of the summit, there were human osteological remains, and it was possible to recognize some anatomical connections, corresponding to individuals of various ages. The funeral rites contemplated the use of ochre and deposition of polished stone tools and flint knapped stone.

## 1. INTRODUÇÃO

O sítio arqueológico da Barrada foi identificado em 2004, devido aos trabalhos de construção de uma rotunda junto à escola EB/JI de Aljezur, e nessa sequência foi efectuada uma intervenção de emergência, a cargo do arqueólogo Luís Barros, para salvaguardar e caracterizar as estruturas arqueológicas parcialmente destruídas pela obra. Essa intervenção arqueológica permitiu verificar a existência de mais de uma dezena de silos e de um volume considerável de espólio cerâmico de cronologia islâmica no local. Só em 2010 foi possível retomar a escavação do sítio, integrado num projecto de investigação plurianual

– Projeto de Investigação e Valorização do Sítio da Barrada – Aljezur, subsidiado pela Câmara Municipal de Aljezur, com direcção de Silvina Silvério e Elisabete Barradas. Nesta campanha e na do ano seguinte escavou-se o contexto ocupacional de época medieval islâmica, datado dos séculos IX-XI, constituído por mais de quatro dezenas de estruturas de tipo silo ou fossa circular, negativos de outras construções e um abundante espólio. Sobre o sítio islâmico foram já realizados alguns estudos, centrados sobretudo no material cerâmico (Silvério *et alii*, 2013, pp.12-14; Silvério & Barradas, no prelo). Na campanha de escavação de 2011 identificou-se um monumento funerário pré-histórico escavado

na rocha, de tipo hipogeu, cronologicamente enquadrável no Neolítico final/Calcolítico inicial (Figuras 3 e 4). A escavação deste monumento, dirigida pelas signatárias, ainda não está terminada, prevendo-se a sua conclusão no verão de 2013, pelo que os dados aqui apresentados são ainda preliminares<sup>1</sup>.

## 2. LOCALIZAÇÃO E ENQUADRAMENTO

O sítio arqueológico da Barrada localiza-se, administrativamente, no distrito de Faro, no concelho e freguesia de Aljezur, no lado Norte da vila com o mesmo nome, a cerca de 500 m do centro histórico. Está situado numa pequena colina de topo aplanado, com cerca de 36 m de altitude média, circundada a Oeste pela Ribeira de Aljezur, a Sul pela Ribeira da Cerca e a Norte pela Ribeira do Areiro. Para Oeste desenvolve-se a faixa costeira de arriba alta; para Nordeste estende-se o vale da Ribeira de Aljezur que vai desaguar a cerca de 7 km, na Praia da Amoreira; para nascente surge o relevo acentuado da Serra de Espinhaço de Cão (Figuras 1 e 2). O sítio arqueológico não se destaca particularmente na paisagem, existindo vários outros pequenos cabeços em seu redor, mas permite um bom domínio visual para quase todos os ângulos, em particular para a várzea.

Aljezur insere-se na Planície Litoral Ocidental, já muito próximo da fronteira entre esta zona e as serras litorais. Geologicamente esta área integra-se no sector das Antiformas de Aljezur e Bordeira, um dos três sectores que caracterizam a designada Zona Sul Portuguesa, de substrato paleozoico. O sítio arqueológico e a colina onde este se insere estão situados numa formação do Miocénico, referida como formação carbonatada de Lagos-Portimão e depósitos de Aljezur (Manuppella, 1994, p. 4). Na envolvente existem formações de xistos argilosos, grauvaques e arenitos do período carbónico e também aluviões do período Holocénico.

## 3. A INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA, ESTRATIGRAFIA E CONTEXTOS

O sítio da Barrada apresenta uma fraca potência es-

---

1. Este artigo é um desenvolvimento da comunicação apresentada na Associação dos Arqueólogos Portugueses, a 11 de Junho de 2012, intitulada *O Hipogeu da Barrada (Aljezur) – Resultados preliminares da campanha de 2011*.

tratigráfica, não considerando obviamente os sedimentos que preenchem as estruturas negativas, de profundidade e complexidade variáveis. As unidades estratigráficas que cobrem o geológico correspondem ao solo arável e são constituídas por sedimentos revolvidos pela acção do arado, pouco compactos, castanhos, arenosos, contendo pedra miúda e média, restos de fauna e alguns fragmentos de cerâmica medieval e moderna. A acção do arado está bem evidenciada em toda a área escavada, observando-se os rasgos deixados no geológico por este equipamento, inclusive sobre o hipogeu.

Quando se iniciou a escavação do hipogeu este configurava-se como duas estruturas de tipo fossa com formato ovalado ligadas entre si e preenchidas por duas U.E's bastante distintas, surgindo à superfície apenas material de cronologia islâmica. Para melhor se caracterizar e compreender as relações estratigráficas deste contexto arqueológico optou-se por escavar inicialmente metade de cada uma das estruturas, para a obtenção de dois cortes estratigráficos no sentido Norte-Sul. Assim foi possível detectar no lado Nordeste do monumento, coincidindo sensivelmente com a metade Este da cripta funerária, uma fossa realizada em época islâmica, colmatada por terras escuras, pouco compactas, com fragmentos de cerâmica islâmica, fauna mamalógica, fauna malacológica, carvões e por outros depósitos com coloração mais clara, igualmente com materiais islâmicos. Esta perturbação cortou os depósitos pré-históricos e foi bastante invasiva na metade Este da câmara onde atingiu quase um metro de profundidade, chegando mesmo a afectar as deposições funerárias. Apesar desta intrusão, devidamente circunscrita, os níveis pré-históricos apresentavam-se bem preservados nas restantes áreas da estrutura.

A unidade estratigráfica superior era constituída por terras castanhas claras de natureza calcária, extremamente compactadas, contendo grande quantidade de pedra diversificada, nomeadamente seixos rolados, blocos de calcário, quartzo, grauvaque, xisto e era quase estéril em materiais arqueológicos, surgindo apenas um fragmento de cerâmica pré-histórica e um machado mirenses mesmo à superfície (U.E.63). Apresentava uma espessura de cerca de 36 cm e preenchia a antecâmara (Figura 6), a ligação entre as câmaras e o alvéolo sudoeste da câmara principal. Esta unidade, à semelhança do registado nos Hipogeus I e IV de Monte Canelas, onde tam-

bém surge um empedrado nas camadas superiores, poderá ser indicativo da existência de uma mamoa ou pequeno túmulo que constituísse um elemento de identificação exterior do monumento (Parreira, 2010, p. 405).

Por baixo seguia-se um depósito constituído por terra castanha clara/bege, muito compacto mas em menor grau que a unidade anterior, apresentando grande quantidade de blocos calcários de pequenas a grandes dimensões (muitos deles desagregados) e alguns seixos de grauvaque ou quartzito, oferecendo ainda algum espólio lítico e cerâmico pré-histórico, fauna malacológica e raros carvões (U.E. 67). Esta unidade corresponde ao abatimento da cúpula do hipogeu e selou as deposições funerárias.

Na antecâmara, imediatamente sobre o chão da estrutura, identificou-se um sedimento laranja avermelhado, impregnado de ocre, com cerca de 3 a 5 cm de espessura que continha material lítico pré-histórico (instrumentos de pedra polida, artefactos em sílex, alguns fragmentos de cerâmica) e fauna malacológica (U.E. 78), correspondendo ao nível de ocupação da estrutura. Na zona de entrada do monumento, por baixo da U.E. 67 e sobrepondo-se ao geológico, ou em certos locais à U.E. 78, surge um sedimento de coloração alaranjada, de composição muito heterogénea e com aspeto granuloso, integrando grande quantidade de partículas de natureza e coloração diversa, bem como carvões de pequena dimensão (U.E. 90). À excepção da U.E. 90, os carvões são quase inexistentes no contexto pré-histórico, razão pela qual se recolheu integralmente esta unidade para futuras análises palinológicas, carpológicas e antracológicas.

Os restos humanos ocorrem exclusivamente na câmara principal e encontram-se embalados num sedimento pouco compacto, de textura arenosa, granulometria fina, coloração avermelhada, com pedra miúda, partículas de calcário desagregado e alguns artefactos líticos, nomeadamente micrólitos em sílex (U.E.91). Quer os ossos, quer o sedimento onde estes se integram evidenciam o uso de ocre nas práticas rituais.

Verificou-se que a zona de ligação entre as duas criptas encontrava-se aterrada com pedras e terras extremamente compactadas; o nível superior apresentava blocos calcários, quartzos, xistos e grauvaques enquanto por baixo, junto à rocha, existiam apenas grandes blocos calcários ligados por um sedimento com um grau de compactação ainda maior, de difícil

remoção. Não é claro se estamos perante vestígios do encerramento da entrada da câmara ou se estes grandes blocos foram originados pelo colapso da cúpula e se encontram aqui mais compactados com o sedimento devido às condições de jazida e processos geológicos relacionados. Nesse sentido registou-se, em vários locais da antecâmara, que o grau de compactação do sedimento é mais elevado junto à rocha, tornando-se por vezes difícil distinguir entre esta e o depósito. Por outro lado, o facto de a antecâmara não ter sido usada para deposições funerárias e de existirem no nível de ocupação depósitos votivos de materiais (dois machados depostos no lado direito da entrada do monumento e uma lâmina de sílex no eixo de acesso à antecâmara) são dados que pesam a favor do encerramento ritual do monumento.

#### 4. ARQUITECTURA

Este monumento insere-se no grupo das sepulturas colectivas escavadas na rocha, que ocorrem no Neolítico final / Calcolítico inicial, designadas por grutas artificiais ou hipogeus. Integralmente escavado na rocha, é constituído por uma antecâmara e uma câmara funerária ligadas por uma passagem (Figuras 4 e 5). O acesso ao monumento seria efectuado a partir da antecâmara, por uma rampa orientada para Sudoeste, que se encontra alinhada com a entrada da câmara funerária. Desconhece-se, no entanto qual a configuração da entrada do monumento e se existiria ou não um corredor de acesso, elemento recorrente nas grutas artificiais. As paredes são de um modo geral côncavas ou sub-verticais com tendência côncava, evidenciando que a cobertura deveria ser em abóbada mas desconhece-se a sua altura e se teria claraboia. O comprimento total do monumento é de aproximadamente 5m, desde a rampa de entrada à parede Nordeste da câmara.

A câmara funerária tem uma configuração polilobada, formando pelo menos três absides ou alvéolos bem demarcados, dois dos quais se encontram separados por uma laje calcária fincada na vertical, o que parece corresponder a uma divisão do espaço. É mais profunda que a antecâmara mas por ora ignoramos a sua altura máxima. No alvéolo localizado a Este já se atingiu a base da estrutura, a 1,05 m de profundidade, pelo que se deduz que as várias áreas da câmara terão diferentes alturas. Os diâmetros da cripta principal variam entre os 3,15m e os 3,60 m. Como a escavação ainda não está concluída é preco-

ce estabelecer as dimensões das absides, sendo que a mais regular, com formato sub-circular, localizada a norte, mede 1,60 cm de diâmetro.

Os dois espaços do monumento estão ligados por uma passagem com um degrau, com cerca de 50 cm de largura na base e 40 cm de extensão. A antecâmara, já escavada<sup>2</sup>, possui configuração riniforme e base plana. As dimensões são menores que as da câmara, apresentando aproximadamente 2,70 m de comprimento por 1,60 cm de largura e cerca de 70 cm de altura.

## 5. ESPÓLIO

O espólio recolhido até ao momento no hipogeu da Barrada não é muito abundante e contempla pedra polida, pedra lascada, alguns fragmentos de cerâmica, uma pulseira em concha de *Glycimeris sp.* (Figura 7) e fauna malacológica. Estes materiais são compatíveis com uma cronologia do Neolítico final / Calcolítico inicial, ainda que, comparativamente com as grutas artificiais da Estremadura e do Algarve, o espólio da Barrada seja consideravelmente menos diversificado e possua características mais arcaicas (presença de micrólitos em vez de pontas de seta, pulseira em concha de *Glycimeris*).

Até ao momento foram recolhidos 10 fragmentos de cerâmica, apenas um dos quais pertencente a um bordo, sendo os restantes inclassificáveis. Os fragmentos de cerâmica estão presentes em várias unidades estratigráficas mas não parecem estar relacionados com os rituais funerários.

A fauna malacológica está representada por uma grande variedade de moluscos do ambiente marinho e estuarino de Aljezur tal como percebes, mexilhão, púrpura, ameijoia, lapa, berbigão e lingueirão. Surge em todas as unidades estratigráficas mas os dados disponíveis não nos permitem para já validar, nem rejeitar a hipótese destes moluscos terem integrado os rituais funerários.

Já os artefactos líticos, encontrados nos níveis inferiores do monumento, constituem oferendas funerárias, destinados a acompanhar os mortos na sua última morada, excepção feita ao machado mirenses que surgiu no topo do enchimento da antecâmara, integrado no empedrado.

Recolheram-se dois machados e três enxós fabrica-

2. Falta apenas concluir a escavação de uma pequena área a sul, mantida como testemunho.

dos em rocha anfibolítica, sendo que todos apresentam os gumes vivos, sem sinais de utilização, situação típica em contextos funerários. Os machados foram encontrados depostos lado a lado, junto à entrada da antecâmara. São semelhantes na morfologia e nas dimensões ainda que um apresente secção circular e o outro subquadrangular. Por seu turno as enxós apareceram em zonas distintas do monumento e são muito diferentes: a maior, surgiu junto à parede Norte da cripta principal, tem bordos paralelos e secção trapezoidal; a mais pequena surgiu no centro da câmara, próximo de uma conexão anatômica, possui gume convexo assimétrico e secção subrectangular; a outra foi encontrada na antecâmara, no nível de abatimento da cúpula e possui bordos côncavos e secção elipsoidal.

O artefacto mais representado é o geométrico em sílex, num total de 13 elementos dos quais três são triângulos e os restantes trapézios (seis assimétricos, dois irregulares, um simétrico e um indeterminado por estar fracturado na base). Este grupo artefactual é muito heterogéneo em morfologia e dimensões como se pode observar na figura 7. Seis exemplares destacam-se por apresentarem base côncava, quatro possuem entalhes na base menor e em alguns podem observar-se marcas de utilização.

A indústria leptolítica em sílex está também presente com três lâminas não retocadas, todas de secção trapezoidal, uma das quais com córtex num dos gumes e um fragmento mesial de lamela retocada. Uma das lâminas foi encontrada na antecâmara, entre a rampa e o acesso à câmara funerária, esmagada por um grande bloco de calcário que se sobrepunha ao nível de ocupação (U.E.78).

## 6. DADOS ANTROPOLÓGICOS

O estudo dos monumentos funerários colectivos pré-históricos constitui a única fonte de informação que permite aceder às populações humanas desse período remoto através da análise dos seus ossos. Uma das principais características dos sepulcros colectivos é a grande quantidade de indivíduos inumados, que se traduz, frequentemente, numa mistura de ossos em continuidade anatômica e ossos dispersos sem continuidade, fruto de um intenso manuseamento pós-deposicional.

O hipogeu da Barrada, não apresenta, até ao momento, um espólio osteológico humano que se considere muito abundante, comparativamente a ou-

tros sepulcros da mesma tipologia, nomeadamente o Hipogeu 1 de Monte Canelas que revelou um número mínimo de 171 indivíduos (Parreira, 2010).

A primeira decapagem realizada (ainda não concluída em toda a área), caracteriza-se principalmente pela presença de várias peças ósseas e dentárias (sobretudo de adulto) sem continuidade anatómica e dispersas pela câmara principal (Figuras 5 e 8). No total foram exumados 122 elementos ósseos dos quais ainda não se contabilizou o número mínimo de indivíduos. Na sua maioria os ossos estão muito fragmentados, sendo visíveis várias alterações tafonómicas, nomeadamente fracturas pós morte por compressão, corrosão da superfície óssea (acidez do sedimento envolvente) e deformação (associada à compressão).

A maturação esquelética e dentária permitiu constatar a presença de vários estádios etários, nomeadamente desde a 1ª infância (> 1 ano) ao estado adulto. Relativamente ao sexo, somente em duas peças ósseas isoladas (um fragmento de coxal e um fragmento de mandíbula) foi possível avançar com um diagnóstico mais provável, sendo ambas do sexo masculino. Para além dos ossos soltos, identificaram-se quatro indivíduos adultos muito incompletos representados apenas por regiões esqueléticas que se mantiveram em continuidade anatómica: dois indivíduos representados pelo crânio e pela mandíbula; um indivíduo representado pelos membros inferiores flectidos; e outro representado pelo membro superior direito que se mantinha flectido. Os dados acima descritos, em especial no que se refere à representatividade dos ossos e às características de algumas conexões anatómicas (presença de articulações lábeis), parecem indicar a existência de inumações primárias.

Como só foi realizada uma decapagem na câmara principal não é possível, para já, definir se existe uma sucessão de depósitos osteoarqueológicos que correspondam a diferentes momentos de utilização funerária do hipogeu.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo difícil a apresentação de conclusões para um monumento cuja escavação ainda não está concluída, queremos no entanto deixar aqui algumas considerações sobre os dados desta primeira campanha e também levantar algumas questões pertinentes para a compreensão do monumento e do seu contexto.

Em primeiro lugar, as grutas artificiais, por norma, não surgem isoladas na paisagem mas sim agrupadas em necrópoles com dois ou mais sepulcros (Gonçalves, 1999). Também o hipogeu da Barrada integrava uma necrópole, juntamente com o sepulcro colectivo escavado na rocha identificado por Estácio da Veiga junto à Igreja N. Sr.ª de Alva no final do século XIX (Veiga, 1886). Este monumento, que corresponderia a uma gruta artificial, localizava-se a escassos 400 m para Sul-Sudeste da Barrada e nele foram encontrados restos osteológicos pertencentes pelo menos a 30 indivíduos, assim como espólio diversificado onde se incluem placas de xisto, alfinetes em osso, cerâmica, pedra polida e artefactos em sílex (lâminas, pontas de seta) que, segundo Victor Gonçalves (2005, p.21), se enquadram num contexto cronológico-cultural muito homogéneo, provavelmente da segunda metade do 3º milénio ou da transição do 4º para o 3º milénio. A planta deste sepulcro (Veiga, 1886, Est. A, fig. 37) mostra uma configuração complexa, muito semelhante à arquitetura do monumento funerário da Barrada mas numa escala maior. Relativamente ao espólio há diferenças notórias entre os dois sepulcros: na Barrada surgem micrólitos e uma pulseira em concha de *Glycimeris sp.*; estão ausentes as placas de xisto, as pontas de seta, a cerâmica votiva. Numa primeira leitura, isto parece indicar que o monumento da Barrada seria mais antigo mas aguardam-se novos dados, nomeadamente datações de C14.

Os materiais da Barrada assemelham-se no entanto, quer nas presenças quer nas ausências, aos materiais identificados nos hipogeus do Núcleo C do Outeiro Alto 2 (Serpa), atribuídos ao Neolítico final (Valera, 2012).

Vários são os factores que nos levam a considerar o hipogeu da Barrada como um sepulcro com características muito interessantes e de alguma raridade no quadro actual dos conhecimentos sobre as grutas artificiais do 3º e 4º milénio do território português:

- os depósitos originais encontram-se selados pelo abatimento da cúpula, o que permitiu a boa preservação dos vestígios, nomeadamente dos indícios relacionados com os rituais funerários praticados;
- o número de indivíduos sepultados não é muito elevado e as deposições ocorreram exclusivamente na câmara principal, o que parece indicar que o monumento deve ter tido uma utilização curta, contrariamente a outros monumen-

tos desta tipologia que tiveram consecutivas reutilizações do espaço sepulcral, por vezes numa diacronia muito alargada (cerca de mil anos, no caso das hipogeus da Quinta do Anjo, em Palmela [Soares, 2003, p.74]). Este factor reveste-se de grande importância e as futuras datações de C14 deverão contribuir para a afinação das tabelas cronológicas do Megalitismo do território português, bem como para uma melhor compreensão dos fenómenos que levaram à construção e utilização das grutas artificiais pelas antigas sociedades camponesas;

- a morfologia invulgar do monumento, que no território português só tem paralelos em Monte Canelas, Portimão (Parreira, 2010) e no outro hipogeu de Aljezur, parece aproximá-lo, em termos de tradição construtiva, dos monumentos andaluzes, como é o caso das grutas artificiais de Gilena, Sevilha (Cruz-Auñón Briones, no prelo).

Aguarda-se pois a escavação integral do monumento para, na posse de mais dados, se aprofundarem estas e outras questões relacionadas com o mundo funerário destas antigas comunidades que habitaram o território de Aljezur.

## BIBLIOGRAFIA

BARRADAS, Elisabete; SILVÉRIO, Silvina; SILVA, M<sup>o</sup> João Dias da (2012) – O Hipogeu da Barrada (Aljezur) – *Resultados preliminares da campanha de 2011. Comunicação apresentada na Associação dos Arqueólogos Portugueses*. 11 de Junho de 2012, Lisboa.

CRUZ-AUÑÓN BRIONES, Rosario, et al. (no prelo) – Apreciaciones en rituales funerários de cuevas artificiales, Gilena en ejemplo. *II Congreso Internacional sobre Arqueología de Transição: O Mundo Funerário*. 29 Abril a 1 de Maio de 2013. Universidade de Évora.

GONÇALVES, Victor S. (1999) – *Reguengos de Monsaraz, territórios megalíticos*. Lisboa: IPM, CMRM, UNIARQ.

GONÇALVES, Victor S. (2005) – *As Placas de Xisto Gravadas dos Sepulcros Colectivos de Aljezur (3<sup>o</sup> milénio a.n.e.)*. Município de Aljezur, Aljezur, 168 p.

GONÇALVES, Victor S. (2003) – *Sítios, «Horizontes» e Artefactos. Estudos sobre o 3.<sup>o</sup> milénio no Centro e Sul de Portugal*. 2.<sup>a</sup> edição. Cascais: Câmara Municipal.

GONÇALVES, Victor S. (2009), Construir para os mortos. Grutas artificiais e antas na península de Lisboa. Algumas leituras prévias, *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 17, Câmara Municipal Oeiras, Oeiras, p. 237-260.

JORDÃO, Patrícia; MENDES, Pedro (2006/2007) – As grutas artificiais da Estremadura portuguesa: uma leitura crítica das arquitecturas. *Arqueologia & História*, Associação dos Arqueólogos Portugueses, n<sup>o</sup>58/59, Lisboa, pp. 43- 78.

MANUPPELLA, G. (1992) – *Carta Geológica da Região do Algarve (Folha ocidental)*, Escala 1:100 000 – Nota Explicativa, Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa.

PARREIRA, Rui, (2010) – As placas de xisto gravadas do Hipogeu I de Monte Canelas (Alcalar). *Transformação e Mudança no Centro e Sul de Portugal: o 4.<sup>o</sup> e o 3.<sup>o</sup> milénios a.n.e.*, *Actas do Colóquio Internacional (Cascais, 4-7 Outubro 2005)*. Câmara Municipal de Cascais, pp. 399-419.

SILVÉRIO, Silvina; BARRADAS, Elisabete; NUNES, Daniel; NICOLAU, José (2013) – *O Legado Andalusino*, Associação de Defesa do Património Histórico e Arqueológico de Aljezur. 74 p. Catálogo da exposição do Museu Municipal de Aljezur.

SILVÉRIO, Silvina; BARRADAS, Elisabete (no prelo) – O Sítio Islâmico da Barrada (Aljezur), *Actas do 9<sup>o</sup> Encontro de Arqueologia do Algarve*. 20 a 22 Outubro de 2011. Silves.

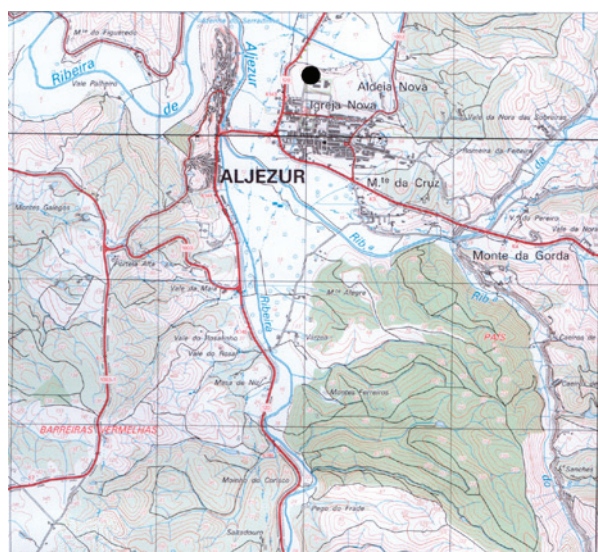
SOARES, Joaquina (2003) – Os Hipogeus da Quinta do Anjo (Palmela) e as Economias do Simbólico: MAEDS, Setúbal, 238 p.

VALERA, A. C.; SOARES, A.M.; COELHO, M. (2008) – Primeiras datas de radiocarbono para a necrópole de hipogeus da Sobreira de Cima (Vidigueira, Beja). *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 2, pp. 27-30.

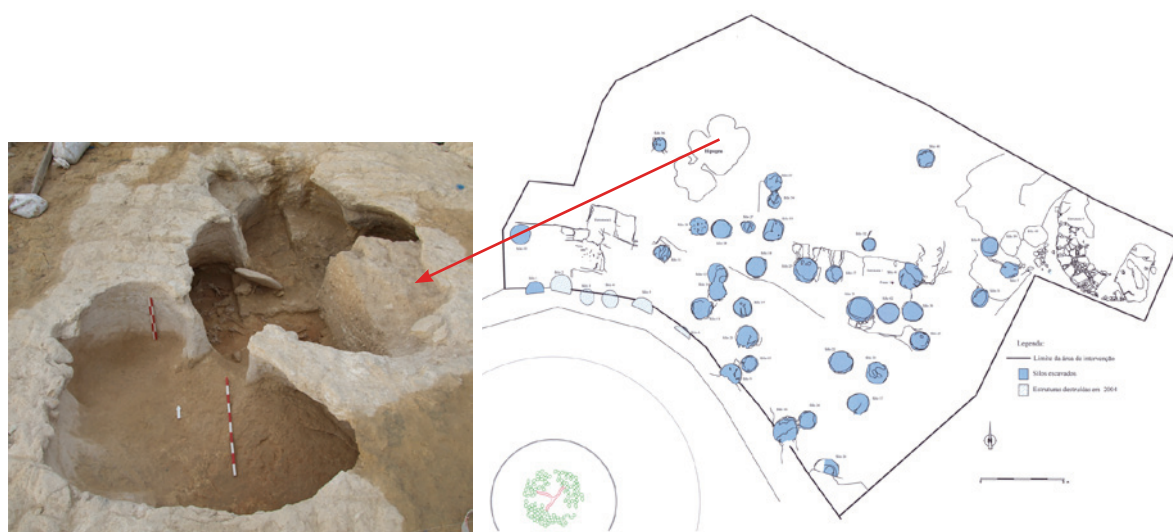
VALERA, António Carlos; FILIPE, Victor (2010) – Outeiro Alto 2 (Brinches, Serpa): Nota preliminar sobre um espaço funerário e de socialização do Neolítico Final à Idade do Bronze. *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 5, NIA-ERA, Lisboa, pp. 49-56.

VALERA, António Carlos; FILIPE, Victor (2012) – A Necrópole de Hipogeus do Neolítico Final do Outeiro Alto 2 (Brinches, Serpa). *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 8, NIA-ERA, Lisboa, pp. 29-42.

VEIGA, S.P.M. Estácio da (1886) *Antiguidades Monumentais do Algarve – Tempos Pré-históricos*. Volume 1 e Volume 2, Imprensa Nacional, Lisboa.



Figuras 1 e 2 – Localização do Sítio da Barrada no mapa da Península Ibérica e na C.M.P. 584 (Aljezur).



Figuras 3 e 4 – O hipogeu integrado na planta geral da intervenção do Sítio da Barrada.

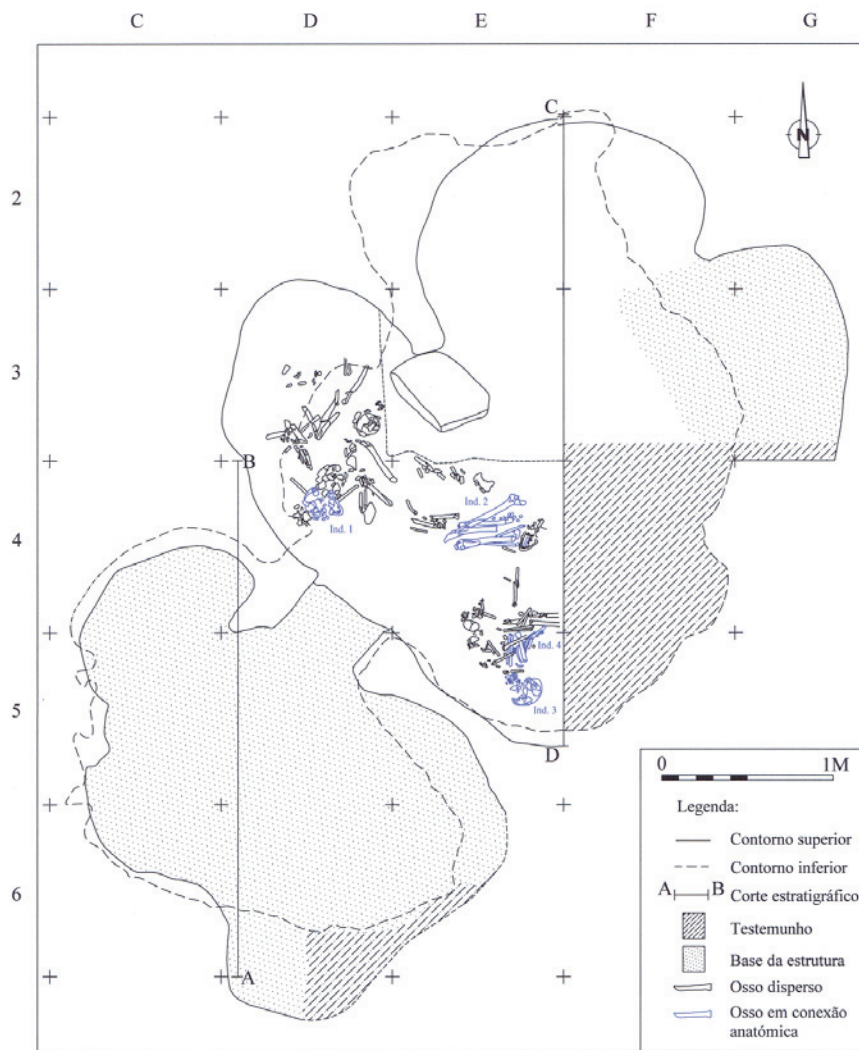


Figura 5 – Planta da estrutura com a localização dos ossos humanos detectados na primeira decapagem.



Figura 6 – Corte Oeste da antecâmara. Observa-se a grande concentração pétreia que caracteriza o nível de enchimento superior.



Figura 7 – Espólio recolhido no hipogeu: pedra polida, lâminas, lamela e micrólitos geométricos em sílex; pulseira em concha de *Glycimeris sp.* e machado mireense.



Figura 8 – Deposições humanas na câmara funerária.



**AAP**  
 ASSOCIAÇÃO  
 DOS ARQUEÓLOGOS  
 PORTUGUESES

Patrocinador oficial

Apoio institucional

FUNDAÇÃO  
**Millennium**  
 bcp

**BNP**  
 BIBLIOTECA  
 NACIONAL  
 DE PORTUGAL

 GOVERNO DE  
 PORTUGAL

  
 Parques de Sintra  
 Monte da Lua